

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC
Curso de Educação Física Licenciatura
Trabalho de Conclusão de Curso

**Separação de meninos e meninas na Educação física escolar:
aspectos biológicos e sociais**

Gama-DF
2021



(61) 3035-3900



www.uniceplac.edu.br



Área Especial para Indústria
Lote nº 02, Bloco A, Sala 304,
Setor Leste, Gama, Brasília, DF
CEP 72.445-020

JUSSARA DIAS BARREIRA
LETÍCIA NUNES DA SILVA

**Separação de meninas e meninos na Educação física escolar:
aspectos biológicos e sociais**

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Orientadora: Prof.^a Ms. Gisele Kede Flor Ocampo

Gama-DF

2021



JUSSARA DIAS BARREIRA
LETÍCIA NUNES DA SILVA

Separação de meninas e meninos: aspectos biológicos e sociais.

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Gama, 20 de junho de 2021.

Banca Examinadora



Prof.ª Ms. Gisele Kede Flor Ocampo
Orientadora



Prof. Ms. Igor Márcio F. C. Cunha
Examinador



Prof. Dr. Arilson Fernandes M. de Sousa
Examinador



Separação de meninas e meninos na Educação física escolar: aspectos biológicos e sociais.

Jussara Dias Barreira¹

Letícia Nunes da Silva²

Resumo: As questões de gênero e sexualidade estão presentes diariamente na vida cotidiana: família, vida social e escola. Trata-se de uma análise bibliográfica com interesse de analisar estudos sobre a separação por gênero durante as aulas de Educação Física pois acredita-se que essa separação pode ocasionar em prejuízos sociais futuros. Assim, constatou-se que a separação nas aulas de educação física é motivada pelos aspectos biológicos e sociais que podem influenciar de forma direta e indireta na distinção entre meninos e meninas. Os autores pesquisados ressaltam que papéis de gênero são atribuídos desde a infância, o que pode influenciar diretamente na maneira em que os alunos e as alunas lidam com questões de gênero do ambiente escolar. Considera-se, portanto, importante o ambiente escolar trabalhar gênero e sexualidade minimizando comportamentos estereotipados, buscando a igualdade de direitos entre meninas e meninos.

Palavras-chave: Sexualidade; educação física; questões de gênero.

Abstract: Issues of gender and sexuality are present daily in everyday life: family, social life and school. This is a bibliographical analysis with the interest of analyzing studies on gender separation during Physical Education classes, as it is believed that this separation can cause future social harm. Thus, it was found that the separation in physical education classes is motivated by biological and social aspects that can directly and indirectly influence the distinction between boys and girls. The authors surveyed emphasize that gender roles are assigned from childhood, which can directly influence the way in which students deal with gender issues in the school environment. Therefore, it is considered important for the school environment to work on gender and sexuality, minimizing stereotyped behaviors, seeking equal rights for girls and boys.

Keywords: Sexuality; physical education; gender issues.

¹Graduando Jussara Dias Barreira do Curso Educação Física Licenciatura, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: jussaradbarreira1@gmail.com.

²Graduando Letícia Nunes da Silva do Curso Educação Física, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: leticianunesdasilva92@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Desde o início da Educação Física escolar, quando a mesma ainda era denominada “Ginástica”, havia a separação dos alunos por sexo. A reforma do Ensino secundário e superior, na qual Rui Barbosa foi idealista trouxe princípios fundamentais para a Educação Física escolar no Brasil. Dentre os princípios propostos por Rui Barbosa havia a separação de meninas e meninos durante as aulas de Educação Física. Os exercícios para as meninas eram focados no desenvolvimento muscular proporcional, buscando manter a feminilidade através da calistenia. Já para os meninos, visava o desenvolvimento físico pautando-se pela energia dos movimentos militares que os compunham (CAVALCANTE; BUNGENSTAB; FILHO, 2020).

Atualmente, escuta-se que homens e mulheres possuem direitos iguais na sociedade (BRASIL, 1998). Todavia sabe-se que além das diferenças físicas entre os sexos, há diferenças psíquicas entre meninos e meninas. A partir dessas percepções, pode-se indagar o peso do caráter biológico na construção das relações (VIANNA; FINCO, 2009).

Freud além de ser médico neurologista e pai da psicanálise, é considerado um dos principais autores da sexualidade humana. Freud analisa a sexualidade no menino e na menina e sua importância para a formação psíquica do sujeito, levando em consideração as diferenças presentes para cada um, desde a reflexão sobre a constituição dos sujeitos, já consegue perceber as diferenças específicas para cada sexo (física, personalidade, maneira de lidar com problemas), chegando à conclusão de que meninos e meninas se desenvolvem de formas diferentes (RIBEIRO, 2012). Questões de gênero e sexualidade estão presentes diariamente na vida em sociedade. A família e a escola são ambientes onde têm-se as primeiras vivências sobre o assunto, a partir daí o processo de definir corpos como feminino ou masculino desde a infância sofrem influência cultural da sociedade, da família e das instituições de ensino.

A escola tem a difícil missão de conciliar o ensino da sexualidade e ao mesmo tempo tentar contê-la, buscando acabar com preconceitos disseminados pela diferença de gênero através de aulas mistas (LOURO, 2018). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) trazem a sugestão de



trabalhar em trios nas aulas de Educação Física, contendo em cada trio uma menina, onde elas deverão ensinar uma sequência de jogos de elástico ou promover um jogo de futebol onde os meninos deverão ser técnicos e as meninas jogarem (BRASIL, 1998). A educação física por ser uma disciplina que trata aspectos biológicos, vivências corporais, desenvolvimento e socialização, pode ser considerada um espaço privilegiado para trabalhar tais questões (DORNELLE; WENETZ; SCHWENGBER, 2017).

Sendo assim, pretende-se verificar por intermédio da pesquisa bibliográfica se a separação entre meninos e meninas durante as aulas de Educação Física, pode acarretar as crianças prejuízos sociais futuros.

REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Guedes (2011) quando se trata da separação entre meninos e meninas, deve-se levar em consideração o desenvolvimento, que é entendido como a interação entre aspectos biológicos (crescimento e maturação) com o meio onde o indivíduo se encontra durante a vida. Há diferentes conceitos de gênero, para Giachini e Leão (2016) a definição de gênero traz que as distinções entre meninas e meninos são construídas historicamente, portanto não são determinadas através de aspectos biológicos. Costa (1994) traz uma visão diferente das demais, para ele a interpretação de gênero como uma variável binária, ou seja, Homem x Mulher, dá foco na diferença sexual como sendo determinante na forma como mulheres e homens se relacionam, de acordo com esse conceito entende-se que homens e mulheres são iguais e não levam em conta as particularidades de cada um. Já para Joan Scott (1995) gênero é uma construção social e histórica dos sexos masculino e feminino, os papéis atribuídos a cada um, que pode acarretar uma hierarquia baseada em características e comportamentos de homens e mulheres.

O desenvolvimento motor é definido como as modificações e conseqüentemente transformações no desenvolvimento motor que ocorrem ao longo de toda a vida, pode ocorrer de acordo com a idade, mas depende também de fatores internos e externos para que aconteça. É um processo contínuo e demorado. (RAITHZ; SOUSA; VEIGA, 2019). De acordo com Romanholo et



al. (2014) há diversas teorias e modelos que explicam o desenvolvimento motor, entre esses modelos está a teoria do desenvolvimento motor de Gallahue, para esse autor os movimentos estão divididos em 4 fases: fase motora reflexiva, fase motora rudimentar, fase motora fundamental e fase motora especializada. Na 1ª fase, chamada de reflexiva, os movimentos são involuntários, quando por exemplo o bebê é exposto à luz, ao toque, eles têm reações automáticas. Na fase dos reflexos motores rudimentares são os movimentos voluntários do bebê, onde o mesmo começa a desenvolver movimento básicos. Já na fase motora fundamental, é onde as crianças estão em contato com o seu próprio corpo, e tende a explorar movimentos dos mais variados tipos, primeiro feito de forma isolada e a medida em que vai amadurecendo, de forma combinada. E por fim, na fase de movimentos motores especializados, que consiste em movimentos especializados, e mais complexos.

Na faixa dos seis anos aos sete anos as crianças do sexo masculino possuem o desenvolvimento do seu cérebro cerca de 12 meses mais lento, quando se comparado as crianças do sexo feminino, devido há menores conexões entre os hemisférios esquerdo e direito, ocasionado pela reduzida ação do estrogênio. Durante essa fase também ocorre a adrenarca, ou seja, o despertar das glândulas adrenais, causando mudanças físicas e comportamentais. Quando se trata de situações de estresse emocional, os meninos adotam padrões de luta ou fuga e as meninas de proteção e aproximação (MENEZES et al 2010).

Entre os 5 e 10 anos de idade observa-se uma grande evolução no desenvolvimento motor das crianças. Durante essa fase percebe-se aumento relativo e constante da velocidade, resistência e da força. As diferenças no desempenho motor de meninos e meninas é quase inexistente. Entretanto, é importante levar em consideração que, muitas vezes por questões ligadas a aspectos culturais, as meninas não possuem o mesmo acesso a atividades esportivas como os meninos, o que acaba prejudicando a aquisição de habilidades motoras nessa fase de desenvolvimento (RÉ, 2011).

A puberdade ocorre aproximadamente entre os 11 e os 16 anos de idade, um dos principais acontecimentos da puberdade é o ápice do crescimento físico (em estatura), desenvolvimento dos



órgãos sexuais e das funções metabólicas, além de alterações na composição corporal, as quais se identificam diferenças visíveis entre meninas e meninos. Nas meninas, o pico de crescimento em estatura ocorre aproximadamente aos 12 anos, após esse pico ocorre a menarca, ou seja, o primeiro fluxo menstrual, associado ao aumento da produção do hormônio estradiol, todavia não há um ganho de massa muscular relevante, visto que não há elevação no percentual de testosterona. Já nos meninos, o pico de crescimento em estatura ocorre na faixa dos 14 anos de idade aproximadamente, cerca de 6 meses após esse pico de crescimento, acontece a elevação do hormônio testosterona, acarretando no aumento de massa muscular (MENEZES et al, 2010).

A puberdade traz consigo tanto mudanças corpóreo-fisiológicas, quanto mudanças em relação aos aspectos psicológicos que acontecem de forma involuntária. A adolescência é a fase de transição da infância para a vida adulta, onde vários comportamentos são observados, como aquisição de autonomia, observação de padrões que foram inseridos na infância, experimentação de valores e de novas experiências. Todos esses aspectos contribuem para que seja uma fase de descobertas, e que com base no desenvolvimento físico, há outras determinações com base no meio social. Vale ressaltar ainda que a adolescência é um conjunto de fatores afetivos, sexuais, corporais, e observar essa fase e encará-la como um momento de transição, de mudanças é primordial para entender esse processo de desenvolvimento (AVILA, 2005).

Ainda de acordo Menezes et al. (2010) com o aumento de massa muscular, os meninos desenvolvem também a resistência, a velocidade e a força, aqueles que atingem sua maturação biológica precocemente possuem maior capacidade metabólica. Enquanto nas meninas pode-se observar uma evolução no desempenho motor após o primeiro fluxo menstrual, entretanto as meninas que têm sua maturação biológica cedo, possuem certa desvantagem comparado às que possuem maturação normal.

A menarca, acarreta mudanças físicas, motoras e sociais. Há diversos fatores que podem influenciar: genéticos, ambientais, estado emocional, alimentação, atividade física. Meninas podem ter a mesma idade e podem estar passando por diferentes momentos em relação a maturação, o que pode interferir nas habilidades e qualidades físicas. A menarca adiantada pode ser indicada



como fator de risco para a obesidade, o que pode ser explicado pelo aumento da energia que o corpo necessita para manter as funções vitais. A menarca tardia também pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo a genética, hábitos alimentares, excesso de exercícios físicos que podem acarretar em estresse físico e psicológico (KLUG; FONSECA, 2006)

O desenvolvimento motor é definido como as modificações e conseqüentemente transformações no desenvolvimento motor que ocorrem ao longo de toda a vida, pode ocorrer de acordo com a idade, mas depende também de fatores internos e externos para que aconteça. É um processo contínuo e demorado. (RAITHZ; SOUSA; VEIGA, 2019). De acordo com Romanholo et al. (2014) há diversas teorias e modelos que explicam o desenvolvimento motor, entre esses modelos está a teoria do desenvolvimento motor de Gallahue, para esse autor os movimentos estão divididos em 4 fases: fase motora reflexiva, fase motora rudimentar, fase motora fundamental e fase motora especializada. Na 1ª fase, chamada de reflexiva, os movimentos são involuntários, quando por exemplo o bebê é exposto à luz, ao toque, eles têm reações automáticas. Na fase dos reflexos motores rudimentares são os movimentos voluntários do bebê, onde o mesmo começa a desenvolver movimento básicos. Já na fase motora fundamental, é onde as crianças estão em contato com o seu próprio corpo, e tende a explorar movimentos dos mais variados tipos, primeiro feitos de forma isolada e a medida em que vai amadurecendo, de forma combinada. E por fim, na fase de movimentos motores especializados, que consiste em movimentos especializados, e mais complexos.

A partir das diferenças biológicas entre meninos e meninas, outras são construídas, como por exemplo as sociais. A construção de gênero não envolve apenas o corpo, há uma estreita relação entre as vivências sociais e o biológico. A interação social é tida como um acontecimento que abrange as relações de convívio entre os indivíduos, acarretando a vivência humana em sociedade. A compreensão do ser humano é realizada por meio do contexto social que o permeia, visto que é um ser essencialmente social. A sociedade dita desde o ventre materno comportamentos e atitudes diferentes para meninas e meninos. Tais comportamentos são reforçados pelo seio familiar e pela escola, mas nem sempre ocorrem de maneira explícita. Antes mesmo de uma criança nascer,



algumas vontades já lhe são impostas, um exemplo de tal atitude: se o bebê for menina possivelmente a decoração do quarto e suas roupinhas serão em tons de rosa, se o bebê for menino provavelmente a cor do seu quarto e de suas roupinhas serão em tons de azul. (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019)

Dowling (2001 apud SIQUEIRA, 2007), em suas pesquisas traz o mito da fragilidade física, que tem seu início ainda no berço, onde a criança já é protegida de estímulos corporais, os pais incentivam mais os meninos a conhecerem o seu próprio corpo, enquanto as meninas são reprimidas quando tentam o mesmo. A criança tende a ser moldada pelos adultos que a cercam, para que ela comece a aceitar condutas impostas culturalmente pela sociedade, conforme a divisão entre feminino e masculino (ALVES; PASTANA; MARQUES, 2000).

A escola atua como um importante campo de disseminação de padrões comportamentais, podendo ser considerada uma instituição capaz de repassar valores morais, além de transmitir normas que buscam a formação integral dos indivíduos. A escola muitas vezes acaba realizando representações de gênero hegemônicas que já foram consideradas naturais para sociedade, e que são reproduzidas em vários espaços sociais. Para Louro (2011), a escola é um dos principais ambientes de formação, porém ela não deveria ter a responsabilidade de explicar as identidades sociais ou determiná-las. Ele ainda destaca que a escola é um ambiente de grande pluralidade, onde as diferenças são evidenciadas, portanto a escola deveria voltar sua atenção para a sexualidade. A forma pela qual os alunos se colocam como sujeitos, sofrem grande influência do ambiente ao seu redor.

Dentro da escola algumas disciplinas não abordam temas como gênero e sexualidade, enquanto outras, como a Educação Física se torna um campo privilegiado para se tratar de tais temas. De acordo com Auad e Corsino (2017), gênero está intimamente ligada ao conteúdo de Educação Física, onde desde cedo se aprende que a dança é voltada para meninas, já as lutas e o futebol são voltados para os meninos, comportamentos esses que são reproduzidos ano após ano. Atualmente ocorreu mudanças positivas em relação a esses estereótipos nas aulas de Educação



Física, entretanto ainda há muitas coisas a serem melhoradas e diante disso é inquestionável a necessidade de trabalhar questões de gênero e sexualidade nas aulas.

Segundo Vieira (2013), na primeira infância são evidenciadas as diferenças corpóreo-fisiológicas presentes entre meninas e meninos, normalmente os meninos se sobressaem em relação as meninas nas atividades físicas que requerem um grau motor maior, isso ocorre porque as meninas sofrem privações motoras ainda na sua fase de desenvolvimento motor inicial, na primeira infância. As meninas não são incentivadas como os meninos a praticarem atividades físicas, e acabam permanecendo nas brincadeiras do faz de conta, com fruto da imaginação.

Todavia a educação física escolar pode ser considerada uma forte aliada para combater discursos e práticas sexistas. Segundo Evangelista, et al (2020) a separação de meninos e meninas nas aulas de educação física pode ser nociva para o desenvolvimento e a aprendizagem, a partir do momento em que o professor (a) divide sua aula, como por exemplo X minutos para os meninos e X para as meninas, ele(a) desiste de trabalhar a socialização e a integração entre meninos e meninas, além de ir em contramão as recomendações previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

É importante ressaltar que as questões de gênero não eram tratadas pelos professores em sala de aula antigamente, e só mais tarde com as leis que regem o país e a educação brasileira que esses conteúdos foram sendo introduzidos aos poucos na vida escolar dos estudantes, e todas essas leis destacam para a necessidade de superar as desigualdades (ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021).

A Constituição de 1988, lei geral, que rege o país fala em seu Artigo 3º Inciso IV que a República Federativa deve: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” e no Artigo 5º, inciso I diz: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações nos termos da Constituição” (BRASIL, 1988). Infere-se que independente da Instituição e da situação, homens e mulheres devem ser tratados de maneira igual, excluindo qualquer forma de preconceito (MACIEL, 1997). No que se refere a LDB, legislação que rege a educação brasileira (BRASIL, 1966), o termo “gênero” não é citado diretamente em seus artigos, entretanto em seu artigo 3º inciso I fala sobre a: “igualdade de



condições de acesso à escola”, e também “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”, diante disso entende-se que há liberdade para todos (BARREIRO; MARTINS, 2016)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos norteadores, que têm como objetivo orientar o corpo docente, eles tratam a questão de gênero de forma mais direta, quando citam como um dos temas transversais: “Orientação Sexual” e no segundo eixo “Relações de gênero” (BRASIL, 1998). Ambos temas devem ser debatidos em sala de aula, nesse sentido, a discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis que são estabelecidos para homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis (BACK; NOGUEIRA, 2021). Na BNCC, o termo gênero não é citado diretamente, fala-se apenas sobre a sexualidade, entretanto de forma mais voltada para a área das ciências naturais, focando mais na questão biológica, não incluindo a Educação Física como disciplina que deve tratar dessas questões (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN’s) tratam a transversalidade e a interdisciplinaridade, em seu artigo 13, § 5º onde fala sobre trabalhar temas transversais dentro de todas as disciplinas (BRASIL, 2010). As DCN’s da Educação Infantil trazem no Artigo 6, inciso V que se deve: “construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, onde gênero é citado, como uma das dominações que precisam ser acabadas” (BRASIL, 2009). Já as DCN’s para o Ensino Fundamental deixam clara a necessidade de trabalhar o tema sexualidade e gênero no Art. 16, onde diz que:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90).



Dessa forma, é importante entender que tanto fatores biológicos, como fatores culturais podem ser relevantes ao analisar a separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Para muitas crianças e adolescentes é somente na escola que há possibilidade de se vivenciar atividades físicas orientadas por um profissional, mas por ainda existir desigualdade de gênero, as vivências podem ser diferenciadas para meninos e meninas. Por ser uma disciplina que também trabalha práticas corporais, os aspectos biológicos muitas vezes são utilizados para justificar a separação, pois fala-se na diferença de habilidade e desempenho (ALTMANN, 2015). Vale ressaltar ainda que as leis que regem a educação falam sobre a importância de tratar questões de sexualidade. (SILVA; COSTA; MULLER, 2018).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho utilizou-se do formato de pesquisa bibliográfica, as buscas sucederam-se de forma independente pelas alunas, através de bases de pesquisa, de dados eletrônicos e revistas como: LILACS, SCIELO, BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE (BVC) E JSTOR, os documentos utilizados datam de 1966 a 2021. Foram realizadas buscas avançadas utilizando as seguintes palavras-chaves: Meninos e meninas, gênero, sexualidade, separação, educação física, escola.

Foram utilizados os critérios de inclusão: Pesquisas que envolviam crianças e adolescentes na aula de Educação física, questões de gênero e sexualidade e como as questões eram tratadas nas aulas. Além de questões relacionadas aos aspectos biológicos e sociais, e se podem ou não influenciar na separação de meninas e meninos nas aulas de educação física. Os critérios de exclusão foram gênero e sexualidade fora da escola.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na busca inicial foram consultados 71 estudos, dos quais 34 foram utilizados. Os estudos foram separados seguindo os parâmetros da tabela a seguir:



Assuntos tratados nos artigos	Quantidade total	Quantidade utilizada	Citações
Tratam de gênero e sexualidade	20	8	<ul style="list-style-type: none"> ✓ LOURO (2018) ✓ DORNELLE; WENETZ; SCHWENGBER (2017) ✓ GIACHINI E LEÃO (2016) ✓ COSTA (1994) ✓ JOAN SCOTT (1995) ✓ LOURO (2011) ✓ AUAD E CORSINO (2017) ✓ AVILA (2005)
Tratam dos aspectos sociais	12	4	<ul style="list-style-type: none"> ✓ TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS (2019) ✓ DOWLING (2001 apud SIQUEIRA 2007) ✓ ALVES; PASTANA; MARQUES (2000) ✓ VIEIRA (2013)
Tratam de gênero e sexualidade nas leis que regem a educação	16	14	<ul style="list-style-type: none"> ✓ EVANGELISTA, ET AL (2020) ✓ ASSIS; SOUZA; BARBOSA, 2021 ✓ BRASIL (1988) ✓ MACIEL (1997) ✓ BRASIL (1966) ✓ BARREIRO; MARTINS (2016) ✓ BRASIL, 1998 (DCN) ✓ BRASIL, 1998 (PCN) ✓ BACK; NOGUEIRA (2021) ✓ SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA (2019) ✓ BRASIL (2010) ✓ BRASIL (2009) ✓ ALTMANN (2015) ✓ SILVA; COSTA; MULLER (2018)
Tratam do desenvolvimento motor	23	9	<ul style="list-style-type: none"> ✓ CAVALCANTE; BUNGENSTAB; FILHO, (2020)



e cognitivo entre meninos e meninas.			<ul style="list-style-type: none"> ✓ VIANNA; FINCO (2009) ✓ RIBEIRO (2012) ✓ GUEDES (2011) ✓ MENEZES et al (2010) ✓ RÉ, 2011 ✓ KLUG; FONSECA (2006) ✓ RAITHZ; SOUSA; VEIGA, 2019 ✓ ROMANHOLO et al. (2014)
Total autores	71	34	

Fonte: tabela produzida pelos próprios autores.

DISCUSSÃO

Na presente pesquisa foi trazida a visão de diferentes autores sobre a construção de gênero. Para Guedes (2011) gênero está intimamente ligado a interação entre aspectos biológicos e sociais, já Giachinni e Leão (2016) acreditam que gênero é construído historicamente e não envolve os aspectos biológicos, para finalizar as visões sobre gênero, Costa (1994) traz que a distinção de gênero tem foco apenas nas diferenças biológicas.

Quando se trata dos aspectos puramente biológicos Menezes (2010) diz que os meninos na fase dos 6 aos 7 anos de idade apresentam desenvolvimento do cérebro cerca de 12 meses mais lento que as meninas, e quando ambos entram na fase da adrenarca (desenvolvimento dos hormônios sexuais) ambos adotam padrões de comportamento diferentes. Ré (2011) acredita que dos 5 aos 10 anos de idade as diferenças no desempenho motor entre meninos e meninas é quase inexistente, entretanto deve se levar em conta que muitas vezes os meninos são mais incentivados a participar de atividades motoras e diante disso acabam tendo habilidades físicas mais aguçadas se comparado as meninas que participam mais de atividades que envolvam a imaginação e o faz de conta. Quando meninos e meninas entram na fase da puberdade as diferenças físicas entre ambos são visíveis e as meninas alcançam seu pico de crescimento primeiro, aos 12 anos de idade, logo após esse pico ocorre a menarca, já os meninos alcançam esse pico aos 14 anos de idade e cerca de 6 meses depois ocorre o aumento da testosterona. A partir dessas diferenças biológicas, outras são



criadas, como as sociais que muitas vezes são ditadas pela sociedade desde o ventre materno (MENEZES et al 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os autores supracitados acreditam na concepção de que gênero é construído socialmente, e apesar de existirem diferenças corporais e fisiológicas, e que as mesmas devem ser estudadas, tais diferenças não são motivos plausíveis para serem realizadas distinção de gênero na escola, visto que a escola é um ambiente no qual deve buscar minimizar as diferenças e combater preconceitos de qualquer tipo. Os autores também ressaltam que papéis de gênero são atribuídos desde a infância, o que pode influenciar diretamente na maneira em que os alunos (as) lidam com questões de gênero no ambiente escolar.

Por meio dos estudos realizados, infere-se que tanto os aspectos biológicos quanto os sociais influenciam de forma direta e indireta na distinção entre meninos e meninas. Entende-se também que a escola é um importante campo de socialização, onde temas como gênero e sexualidade devem ser abordados. Quando se trata das disciplinas, a Educação Física é privilegiada para tratar questões relacionadas a gênero e sexualidade, visto que ela possui caráter formativo e social, e apresenta ainda uma relação de maior proximidade entre alunas (os) e professores(as) quando comparado com as demais disciplinas.

Vale lembrar que os PCNs recomendam que as aulas de educação física sejam trabalhadas de forma mista, pois assim constitui-se um importante campo de socialização, onde são desenvolvidos a compreensão e o respeito às diferenças, minimizando assim as diferenças de gênero. É necessário compreender que apesar das diferenças biológicas, e sobretudo as sociais entre meninos e meninas, deve-se oportunizar a todos vivências da cultura corporal. Destaca-se também que as leis que regem a educação ainda possuem lacunas em relação as questões de gênero e sexualidade, ocasionando em atrasos para se trabalhar tais temas em ambiente escolar.

Na sociedade atual, é possível perceber a hierarquia presente entre os gêneros, onde mulheres exercem papéis secundários em relação aos homens, e até mesmo quando exercem a mesma função,



recebem salários menores. Tais diferenças são ocasionadas desde os primeiros anos de vida do bebê, e reforçadas quando a criança ingressa na escola. Por isso considera-se importante o ambiente escolar trabalhar gênero e sexualidade, e minimizar comportamentos estereotipados, buscando a igualdade de direitos entre meninas e meninos. Para melhor aprofundamento sobre o assunto indica-se mais estudos com método ativo de observação dos meninos e das meninas em suas interações sociais, visto que muitas vezes as crianças já chegam no ambiente escolar moldados pelos seus familiares e amigos próximos, acreditando que comportamentos, brincadeiras e vestimentas devem ser diferentes de acordo com o gênero de cada um.



REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação física escolar: **Relações de gênero em jogo**. Cortez, São Paulo, v.11, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ZtCaCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA69&dq=menino+menina+educacao+fisica&ots=245xYwdZIV&sig=48hLfbNg8XVolZoPhMhEs_OyPug#v=onepage&q=menino%20menina%20educacao%20fisica&f=false> Acesso em 06 de jun. 2021

ALVES, Hildinéia; PASTANA, Marcela; MARQUES, Antonio. **Gênero e Educação Infantil**: entre princesas e príncipes há crianças que brincam e sonham. Perspectivas em diálogo, Naviraí, v. 7, n. 14, p.129-147, jan/jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/index>> Acesso em: 20 de abr.2021

ASSIS, Greice Ayra Franco; SOUZA, Ediane Eduão Ferreira de; BARBOSA, Adriana Gonçalves. **Sexualidade na escola**: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.2, p.13662-13680, feb, 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/24374/19474>> Acesso em 07 de jun. 2021

AVILA, Sueli de Fatima Ourique de. A adolescência como ideal social. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200008&script=sci_arttext>

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. **O Professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. Cortez Editora, v.7,p. São Paulo, 2017.

BACK, Jeizi Loici; NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães. A concepção de corpo e sua interface entre gênero e sexualidade nos PCNs e na BNCC. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 36, jan-abr2021, p. 70-89. Disponível em <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/835/308> Acesso em: 06 de jun. 2021

BARREIRO, Alex; MARTINS, Fernando Henrique. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.34, n.68, p.93-106, 2016. Disponível em <<https://biblat.unam.mx/pt/revista/leitura-teoria-pratica/articulo/bases-e-fundamentos-legais-para-a-discussao-de-genero-e-sexualidade-em-sala-de-aula>> Acesso em: 02 de jun. 2021

BRASIL. Lei nº 9.394 Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 26 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 05 de jun. 2021

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 05 jun. 2021



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 04/98, de 29 de janeiro de 1998. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 30 jan. 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf Acesso em: 05 de jun.2021

BRASIL. PCNS–Temas transversais, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>> Acesso em: 05 de jun. 2021

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3749-resolucao-dcnei-dez-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192, acesso em 05 de Jun.2021

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824, 2010. Disponível em : < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6704-rceb004-10-1&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 05 de jun. 2021

CAVALCANTE, Fernando Resende; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; Lazarotti FILHO. Rui Barbosa e a educação física nos pareceres para o ensino primário de 1883: influências e proposições. Movimento, v. 26, p. e26078, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/104923>. Acesso em: 16 de abr.2021

COSTA, C. de L. O leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 2, p. 141–174, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1715>. Acesso em: 16 de jun. 2021.

DORNELLE, P; WENETZ, I; SCHWENGBER, M. **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Unijui, 2017.160 p.

EVANGELISTA, Marcio Henrique Scotelano; MACHADO, Bruna Pinho; FRANCO, Neil. Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018). **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-21, abril/junho, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e67534>. Acesso em: 01 de abr. 2021.

GIACHINI, Alessandra Cristina Bolfe.; LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica**. **Revista IberoAmericana de Estudos em Educação**, Araraquara/SP, v. 11, n.3. p. 1409-1422, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9038>> Acesso em: 15 de abr.2021



GUEDES, Dartagnan Pinto. Crescimento e desenvolvimento aplicado à educação física e ao esporte. *Rev. bras. educ. fís. esporte* 25 ,Dez 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000500013>> Acesso em 05 de abr.2021

KLUG, D. P.; FONSECA, P. H. S. Análise da maturação feminina: um enfoque na idade de ocorrência da menarca. *Revista da Educação Física*, v. 17, n. 2, p. 139-147, 2006. Disponível em<<https://periodicos.uem.br>> Acesso em: 06 de jun .2021

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação- uma perspectiva pós-estruturalista**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade: Tradução Tomaz Tadeu da Silva. **Autêntica Editora**, Belo Horizonte, 223 p. 4.ed. 2018. Disponível em https://www.google.com.br/books/edition/O_corpo_educado/LLdjDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0 Acesso em: 04 de abr.2021

MACIEL, Eliane Cruxên Barros de Almeida. **A Igualdade Entre os Sexos na Constituição de 1988**. Disponível em:

<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/159/10.pdf?sequence=4&isAllowed=y>> Acesso em: 02 de jun.2021

MENEZES, Aline Beckmann de Castro; BRITO, Regina Célia Souza; FIGUEIRA, Renata Almeida; BENTES, Tatiana Frazão; MONTEIRO, Freire Eliene; SANTOS, Marina Cunha. Compreendendo as diferenças de gênero a partir de interações livres no contexto escolar. **Dossiê: Psicologia Evolucionista** *Estud. psicol.*, Natal,15 (1) , Abr, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100011> Acesso em: 03 de abr.2021

RAITHZ, Anne Leticia; SOUSA, Francisco José Fornari; VEIGA, Fabiano Romero. **A importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento motor**. Disponível em <<https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/6f463-raithz,-anne-leticia.-a-importancia-da-educacao-fisica-escolar-para-o-desenvolvimento-motor.-lages-unifacvest.-tcc-curso-de-licenciatura-em-educacao-fis.pdf>> . Acesso em 07 de dez.2021.

RÉ, Alessandro H. Nicolai. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. **Motricidade**, 2011, vol. 7, n. 3,pp.55-67

RIBEIRO, Marina. O Gênero do analista: reflexão necessária?! Um elogio ao conceito de bissexualidade psíquica. **Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise**, São Paulo, Vol. 1, nº 1, p.4-32, 2012. Disponível em:

http://www.sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/site/wp-content/uploads/2014/08/Boletim-2012-MIOLO.pdf#page=71 Acesso em: 01 de abr.2021

ROMANHOLO, Rafael Ayres; BAIA, Fernando Costa; PEREIRA, Joeliton Elias; COELHO, Eduarda; CARVALHAL, Maria Isabel Mourão. Estudo do desenvolvimento motor: análise do modelo teórico desenvolvimento motor de Gallahue. **Revista Brasileira de Prescrição e**



Fisiologia do Exercício, São Paulo, v.8, n.45, p.313-322. Maio/Jun. 2014. Disponível em <
<http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/628>>

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n°2, jul/dez.1995, p.71-99. Acesso em: 28 de abr.2021

SILVA, Caio Samuel Franciscati; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019. E-ISSN: 1982-5587. DOI:10.21723/riaee.v14iesp.2.12051

SILVA, Denise Regina Quaresma do; COSTA, Zuleika Leonora Schmidt; MULLER, Márcia Beatriz Cerutti. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-58, jan.-abr. 2018. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/29812/16846>> Acesso em 06 jun.2021

SIQUEIRA, Nathalia Cristina Pinheiro. **Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”**: Uma pesquisa sobre como a mulher no esporte é representada no jornal Correio Braziliense. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira.2007.69.(Graduação)-Comunicação social. UniCEUB-Centro Universitário de Brasília.2007. Disponível em: <
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1573/2/20377892.pdf> > Acesso em: 17 de abr.2021

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohk; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon**, Teorias psicogenéticas em discussão, Summus Editorial 2 ed. São Paulo, 2019.

VIANNA, C; FINCO, D. **Meninos e meninas na Educação Infantil**: uma questão de poder. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>.> Acesso em: 28 de abr./2021

VIEIRA, Martha Bezerra. Gêneros separados nas aulas de Educação Física. Reflexão acerca de tal problemática dentro da escola. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, N° 177, Febrero de 2013. Disponível em:< <http://www.efdeportes.com/>> Acesso em: 05 de jun. 2021



Agradecimentos

Jussara Dias Barreira

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele esse sonho não estaria tão perto de ser realizado, agradeço aos meus familiares por todo apoio e força durante essa jornada, não poderia deixar de agradecer a nossa orientadora, Gisele, por toda paciência e dedicação, e por fim, agradeço a minha colega de TCC, que não me desamparou em nenhum momento, e que contribuiu com tanto. Sem vocês nada disso seria possível. Obrigada!

Letícia Nunes da Silva

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir sonhar e me dar forças para correr atrás de cada sonho, agradeço a minha mãezinha que sempre me ofereceu apoio, agradeço a minha orientadora por toda paciência e todos ensinamentos e por fim agradeço a minha colega de TCC que não me deixou desistir e me ajudou até aqui. Gratidão a todos que contribuíram para que mais essa etapa fosse concluída.

